

## A CONSTITUIÇÃO DO CORPO NA PSICANÁLISE: HISTERIA, PSICOSE E TESTEMUNHO

**Autor(a):** Alessandra Silveira Ferreira <sup>1</sup>

**Orientador(a):** Ingrid de Mello Vorsatz<sup>2</sup>

### Resumo

Esta monografia tem como objetivo investigar a problemática do corpo em psicanálise, através do percurso percorrido por Sigmund Freud na constituição da noção de corpo nos primórdios da teoria da clínica psicanalítica e da problemática do corpo na psicose. Partimos do progressivo afastamento de Sigmund Freud, ao final do século XIX, ainda enquanto neurologista, do pressuposto de uma causalidade orgânica – fundamentado pela anatomofisiologia – atribuído ao fenômeno clínico da histeria, postulando uma causalidade psíquica em relação a esta entidade clínica. Discutimos a relação entre a imagem do corpo próprio articulada à constituição da instância psíquica Eu (das Ich) (1914;1923), tal como formulada por Freud, e a posterior teorização de Jacques Lacan (1949) a propósito do estágio do espelho enquanto formado da função do Eu (Je). Por fim, abordamos o estatuto do corpo na psicose e suas vicissitudes, considerando o testemunho escrito de Daniel Paul Schreber (1903) como paradigma da problemática do corpo na psicose. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico e uma revisão crítica narrativa das obras de Sigmund Freud e de Jacques Lacan referentes ao tema. Esta investigação se faz pertinente na medida em que esforço de Freud na compreensão do sintoma histérico o levou ao afastamento da concepção de organismo vigente na anatomofisiologia, resultando na concepção de uma noção específica de corpo na teoria da clínica psicanalítica. O corpo do qual a psicanálise se ocupa é constituído por representações psíquicas e não equivale ao organismo. Freud observou (1893/[1888]1977) que as paralisias apresentadas pelas histéricas não estavam de acordo com os pressupostos anatômicos e chegou à conclusão de que “a histeria [a entidade clínica, não a doente] se comporta como se a anatomia não existisse ou como se não tivesse conhecimento desta” (FREUD, 1893/[1888]1977, p.234). Para a teoria da clínica psicanalítica, portanto, o corpo não é algo dado no nascimento e precisa ser constituído. Esta constituição ocorre por um trabalho do sujeito para que a imagem corporal – que ainda não está constituída – seja identificada como sua e o corpo possa advir enquanto um

---

<sup>1</sup> Aluno(a) do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

<sup>2</sup> Professor(a) do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

corpo próprio no qual o sujeito se reconhece. A partir da proposição freudiana, Jacques Lacan (1949/1998) propõe o estágio do espelho como uma operação de identificação, no qual o sujeito a advir assume uma imagem corporal como sendo a dele. O conjunto de experiências que configuram esta operação resulta no reconhecimento da imagem corporal própria, que, não obstante, vem de fora, donde o seu caráter de alienação. Na psicose ocorre uma falha na constituição do corpo próprio. Dessa forma, o sujeito psicótico fica suscetível aos mais variados fenômenos patológicos em seu corpo – desde as alucinações verbais, cenestésicas e cinestésicas, entre outras, como no delírio das negações descrito pelo psiquiatra francês Jules Cotard (1880), que caracteriza uma forma grave de melancolia - conforme observamos no relato de Schreber. Na psicose, o corpo pode se tornar alheio ao sujeito, testemunhando que este – o corpo – não é algo dado a priori; antes, sua constituição encontra-se na dependência de uma operação psíquica, que, por sua vez, pode ocorrer (ou não), ou ainda de modo incompleto.